

European Nazarene
Bible College
Library

O ARAUTO DA SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO / 15 DE OUTUBRO DE 1982



De vez em quando a polícia encontra o corpo de alguém sem documentação alguma. Os meios de comunicação publicam logo características físicas e sinais particulares que possam ajudar na identificação do indivíduo noticiado nos jornais sob um título familiar: "Identificação Desconhecida".

Aplicar-se-á este título apenas a corpos sem vida e sem documentos, a crianças ou deficientes privados do uso da fala ou da escrita?

Em Lucas 9 relata-se uma observação estranha de Jesus Cristo a Seus discípulos. A ocasião era a da passagem por uma aldeia hostil, por questões de racismo e se-

gregação. O Mestre e os Seus discípulos teriam procurado pousada. Foi-lhes recusada, talvez com certa rudeza. Era demais para os discípulos! Num assomo de raiva, Tiago e João disseram: "Senhor, queres que digamos que desça fogo do céu e os consuma...?"

Foi bom que eles não possuíssem as armas que hoje temos. Teriam apertado logo o gatilho ou primido o botão vermelho! E era uma vez uma aldeia inteira...

Tão cegos estavam na sua raiva

que até usaram uma passagem bíblica para apoiar o instinto incendiário. Deus nos livre de racionalizar o irracional! Não será por esta via que pessoas têm morto e discriminado em nome de Deus... e com copiosas citações bíblicas? Quando há ressentimento no coração, encontram-se mil desculpas para lhe dar livre curso, mesmo que no processo se percam vidas.

Jesus fora o insultado número um, pois encabeçava o grupo a que fora recusada hospedagem. Mas reagiu de forma diferente. Em vez de atacar os aldeões, repreendeu os discípulos. Foi como se encimasse a imagem de cada um deles com o título inque-

tante: *Identidade Desconhecida*. Disse-lhes: "Vós não sabeis de que espírito sois. Porque o Filho do homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las" (Lucas 9:56).

Vivem um problema as autoridades quando não podem identificar uma pessoa. Problema mais sério é, porém, quando a pessoa não se pode identificar a si própria, isto é, desconhece ou ignora o espírito que a deve motivar e inspirar — o de Cristo.

Jesus empolgou multidões com os Seus milagres. Homens sem conta têm procurado imitá-lo, duplicando-os. Mas o Seu presente maior à humanidade foi o do Espírito Santo. É Este que perdoa o ofensor, ama ao mais ingrato, aceita e abraça o mais discriminado ou discriminador, protege a vida e a sua integridade total.

Quando nos dizemos cristãos, assumimos a identidade de Cristo. O nosso espírito reflecte o Seu. As nossas reacções à afronta não racionalizam actos de vingança, mas buscam a ponte da reconciliação. □

identidade desconhecida

—Jorge de Barros

A MORADA DO ESPÍRITO DE DEUS

—Charles H. Strickland
Superintendente Geral

O conceito de que uma personalidade pode habitar completamente noutra, torna-se para alguns difícil de compreender ou expressar. O apóstolo Paulo, porém, parecia não duvidar da capacidade do homem experimentar a plenitude de Deus por meio do Espírito Santo. Ele exortou os cristãos de Éfeso: "Enchei-vos do Espírito" (Efésios 5:18).

Consideramos Paulo como autoridade neste campo. Ele ministrou à igreja o mais esmerado e extensivo ensino de todo o Novo Testamento sobre o Espírito Santo.

Isaías declarou: "Derramarei o meu Espírito sobre a tua posteridade, e a minha bênção sobre os teus descendentes" (44:3). Ezequiel também registrou e profetizou: "Vos darei um coração novo, e porei dentro de vós um espírito novo... e porei dentro de vós o meu espírito, e farei que andeis nos meus estatutos" (36:26-27). Joel disse: "Depois, derramarei o meu Espírito sobre toda a carne" (2:28).

Estas profecias cumpriram-se literalmente no Pentecostes. Os discípulos "foram cheios do Espírito Santo" (Actos 2:4). Pedro confirmou o evento como cumprimento da profecia: "Isto é o que foi dito pelo profeta Joel" (Actos 2:16).

O próprio Paulo experimentou esta preciosa habitação. Ananias, que orou por Paulo em Damasco, declarou: "Irmão Saulo, o Senhor Jesus, que te apareceu no caminho por onde vinhas, me enviou, para que tornes a ver e sejas cheio do Espírito Santo" (Actos 9:17).

A presença do Espírito Santo como Ocupante torna-se relação viva que se deve cultivar e manter. Em Gálatas 5:25, Paulo urge: "Se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito". O poder vigoroso do Espírito significa estabilização. Em Gálatas 5:16 recorda: "Andai em Espírito, e não cumprireis a concupiscência da carne". Paulo ainda recomenda que demos fruto na plenitude do Espírito: "Frutificando em toda a boa obra" (Colossenses 1:10). A alegria completa a plenitude do Espírito, pois o maravilhoso companheirismo de Deus torna a vida uma jornada feliz. Efésios 5:19 descreve assim a vida cheia do Espírito: "Falando entre vós em salmos, e hinos, e cânticos espirituais, cantando e salmодиando ao Senhor no vosso coração".

Com João Wesley, oremos:

"Vem, meu Deus, revela-Te;

Enche tudo que está vazio,

Só Tu podes satisfazer meu ser;

Vem, meu Deus, vem". □

O ARAUTO DA SANTIDADE

Volume XI
Número 20
15 de Outubro de 1982

BENNETT DUDNEY,
Director Geral

JORGE DE BARROS,
Director

ACÁCIO PEREIRA,
Redactor

ROLAND MILLER,
Artista

**CASA NAZARENA
DE PUBLICAÇÕES,**
Administradora

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-370) é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente pela Junta Internacional de Publicações da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S.\$2.00; número avulso, U.S.\$1.00. Favor dirigir toda a correspondência à Casa Nazarena de Publicações, P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E.U.A.

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-370) is published semi-monthly by the International Publications Board—Portuguese—of the Church of the Nazarene. Printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri 64109, U.S.A. Subscription price: U.S.\$2.00 year in advance; single copy, 10 cents in American currency. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.

FOTOS:
CAPA—H. Lambert
Págs. 4, 5—The Costas





uma carta de Lutero

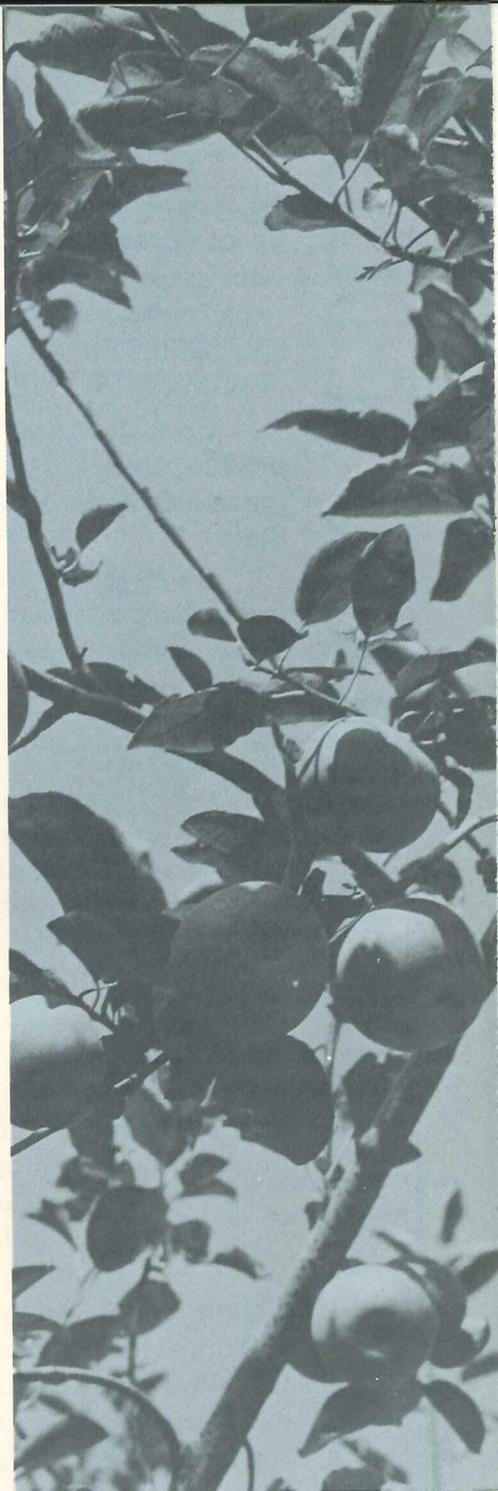
Escrita depois da conversão a um monge, seu antigo companheiro, que buscava com sinceridade a luz do evangelho.

Gostaria de sondar a situação espiritual do teu coração, escreveu Lutero, e se ele já aprendeu a rejeitar a auto-justiça e começou a crer e a desfrutar da justiça de Cristo. São muitos os que actualmente exercitam todas as suas forças em alcançar justiça e bondade próprias; isso é cair no orgulho. Tais pessoas não podem compreender a justiça divina que tão abundante e gratuitamente nos é dada em Jesus Cristo. Com seus esforços pretendem conseguir virtudes e méritos suficientes para se convencerem de que um dia se poderão apresentar diante de Deus pelo que são e fizeram. Mas isso é impossível.

Houve tempo em que tanto tu como eu cremos nessa louca e vã pretensão; e ainda devo continuar a lutar para me ver completamente livre dela. Por isso, caro irmão, recorre a Jesus—Jesus crucificado. Aprende a cantar Seus louvores e a desconfiar de tudo o que é teu. Aproxima-te d'Ele e diz: "Senhor Jesus, Tu és a minha justiça e eu sou o Teu pecado; o que era meu Tu o carregaste e o que era Teu colocaste sobre mim; aceitaste o que não eras e me deste o que eu não era".

Cuidado, irmão, que ao procurares um alto grau de pureza te esqueças de que ainda és fraco; lembra-te que Jesus Cristo vive entre os pecadores; foi para isso que desceu dos céus—habitando entre os justos veio a este mundo para viver com os pecadores. Medita sem cessar no Seu amor e experimentarás a consolação mais aprazível. Se com nossos esforços e méritos pessoais pudéssemos obter a paz, então que necessidade haveria de Cristo morrer por nós? Quando te encontrares mais desesperado de ti mesmo e de tuas obras, na obra de Deus terás paz; verás como Ele te recebe e faz do teu o Seu pecado; e da Sua a tua justiça. □

—O Discípulo Cristão



DONS E FRUTOS DO ESPÍRITO

—W. T. Purkiser

Tem havido nos últimos anos um interesse crescente pelos dons do Espírito. Por ser assunto estritamente bíblico, é bem-vindo. Mas os dons e os



línguas e interpretação de línguas.

A lista dos frutos do Espírito encontra-se em Gálatas 5:22-23—

“Amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança. Contra estas coisas não há lei”.

Em certo sentido, cada lista contém três grupos de três. Alguns dons e frutos procedem da vida interior do cristão: sabedoria, ciência, fé, amor, gozo e paz. Outros referem-se particularmente ao serviço pessoal: dons de cura, milagres e profecias; e frutos de longanimidade, benignidade e bondade. Finalmente, há os relacionados com as circunstâncias da vida: discernir espíritos, línguas e interpretação das mesmas, fé, mansidão, temperança.

Estas duas listas são as únicas da Bíblia. Em I Coríntios 12:28-30, Paulo acrescentou à lista dos dons o serviço apostólico, o ensino, o socorro a necessitados e a administração. Em Romanos 12:6-8, o Apóstolo não menciona milagres, curas e línguas; mas acrescenta ministério, exortação, liberalidade e misericórdia.

Existe diferença entre possuir os dons e os frutos do Espírito. Paulo realça três vezes que os dons espirituais são repartidos pelas pessoas na igreja, de acordo com a vontade de Deus e o desenvolvimento do reino (I Coríntios 12:4-11).

Numa série de perguntas retóricas (vs. 29-30), o Apóstolo declara: “Porventura são todos apóstolos? São todos profetas? São todos doutores? São todos operadores de milagres? Têm todos o dom de curar? Falam todos diversas línguas? Interpretam todos?” A resposta é óbvia: Não. Alguns dons são melhores que outros. Devemos procurá-los com zelo (v. 31).

Em Romanos 12:6, o Apóstolo diz: “Tendo diferentes dons, segundo a graça que nos é dada”. Menciona aqui mais uma vez que

os dons do Espírito são diferentes em cada vida cristã.

Deus não concedeu a uns caridade, gozo a outros e benignidade a terceiros. Todos os dons são essenciais à realidade de qualquer pessoa.

Em I Coríntios 12 e Romanos 12 é mencionado outro ponto importante. Os dons são diversos e distribuem-se de forma diferente. Nem todos os membros duma igreja possuem (ou devem procurar) o mesmo dom. Os dons são como os componentes individuais do corpo: pé, mão, ouvido, nariz, cabeça. Apesar de tanta variedade no uso dos membros, o corpo é um só. A própria diversidade fortalece a unidade do todo.

Além disso, um membro (dom) do corpo não se deve exaltar acima dos outros, nem alguém considerar-se inferior por não possuir o dom de outrem (I Coríntios 12:15-18).

Em Corinto só um dos dons deu azo a controvérsia: o de línguas (I Cor. 14). Quer se trate da mesma experiência do Pentecostes em que se falaram línguas conhecidas, quer de êxtase sem qualquer significado para os crentes, excepto se interpretado por um dom semelhante do Espírito, as instruções dadas por Paulo são claras.

O dom de línguas para uso pessoal é inferior aos de edificação, exortação e conforto (vs. 1-11). Não deve ser usado em público sem intérprete, sob qualquer pretexto; nem devem falar numa reunião mais de três pessoas (vs. 23-28). Tudo se fará com espírito cristão e em boa ordem (vs. 29-33).

Há algo nos dons espirituais que os torna atraentes à mente humana. É mais fácil salientar os dons que os frutos do Espírito. Paulo aconselha: “Procurai com zelo os melhores dons; e eu vos mostrarei um caminho ainda mais excelente” (I Coríntios 12:31). □

frutos do Espírito devem relacionar-se entre si, pois de contrário resultará uma fraude lamentável da vida cristã.

O apóstolo Paulo apresentou duas listas principais—uma de dons e outra de frutos do Espírito. Em I Coríntios 12:8-10 são mencionados os dons:

Palavra de sabedoria, Palavra de ciência, Fé (no sentido de alcançar), Dons de cura, Operar maravilhas, Profecia, Discernir espíritos, Variedade de

Até que todos cheguemos à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo (Efésios 4:13).

Conta-se que Espanha imprimira nas suas moedas as Colunas de Hércules com as palavras: *Nec Plus Ultra*—Não Mais Além. Porém, no tempo dos descobrimentos, quando essas colunas foram ultrapassadas (eram assim chamadas as duas montanhas localizadas perto do estreito de Gibraltar), Espanha retirou a partícula *nec* e deixou *Plus Ultra*—Mais Além.

Na doutrina de algumas igrejas também aparecem as mesmas palavras: "Não mais além". Mas a Bíblia declara constantemente ao homem: "Tu não tens que permanecer onde te encontras; há mais—mais graça, mais poder, mais alegria".

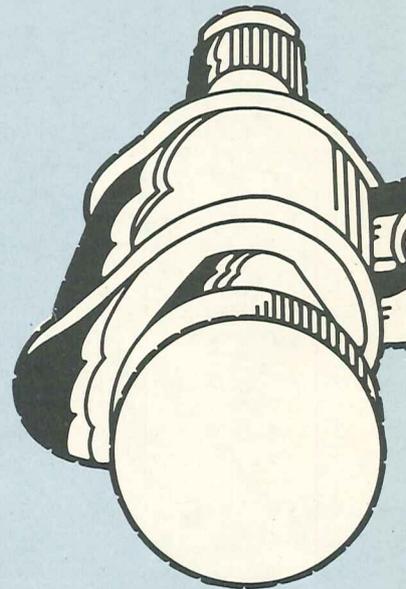
Deus diz aos pecadores: "Arrependei-vos, e crede... Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo" (Marcos 1:15; Romanos 10:13).

À pessoa salva é recomendado: "Esta é a vontade de Deus, a vossa santificação. Porque não nos chamou Deus para a imundícia, mas para a santificação. Fiel é o que vos chama, o qual também o fará" (I Tessalonicenses 4:3, 7; 5:24).

E àquele que foi salvo e santificado: "A vereda dos justos é como a luz da aurora que vai brilhando mais e mais, até ser dia perfeito" (Provérbios 4:18). I João 1:7 diz: "Se andarmos na luz, como ele na luz está, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado".

As crises (salvação, santificação) são necessárias e maravilhosas mas, em si, não constituem o fim. São começos e não conclusões. As crises encaminham-nos para novos horizontes. Não são metas, mas portas de acesso—a melhores relações, a novas aventuras e a uma vida de dimensões mais excelentes e satisfatórias.

PARA ALÉM DA INTEIRA SANTIFICAÇÃO



Oswald Chambers declarou que "a prova duma vida escondida com Cristo em Deus não é a experiência da salvação ou da santificação, mas a relação resultante delas".

E continuou: "A experiência de santificação será inútil se não nos capacitar para uma relação completamente nova. Talvez ela se tenha realizado logo após a conversão, mas a nossa vida mostrará a evidência"... Chambers concluiu: "As pessoas param na sua experiência cristã porque vivem no passado, de acordo com o que lhes aconteceu uma vez, e não conservam a relação constante com Deus que tudo supera".

Passar da morte para a vida e do pecado para a salvação é, certamente, uma experiência extraordinária. Mas o mais importante não é "passar", mas palpitar nova vida, ser nova criatura—um filho de Deus.

É glorioso experimentar o poder de Deus na inteira santificação. No entanto, sua maior importância não reside na crise mas na vida de santidade, num companheirismo mais profundo com Deus, o Autor da experiência.

Como pode crescer algo que é "inteiro"? A inteira santificação não significa que alguém é perfeito física, emocional e intelectualmente, mas perfeito em *amor*.

Na inteira santificação, Deus não destrói a humanidade, senão o pecado que habita no coração.

Uma boa relação com Deus ultrapassa qualquer crise, é uma relação de *amor*. A grandeza e mistério deste amor é que pode ser total e, ao mesmo tempo, permitir crescimento contínuo.

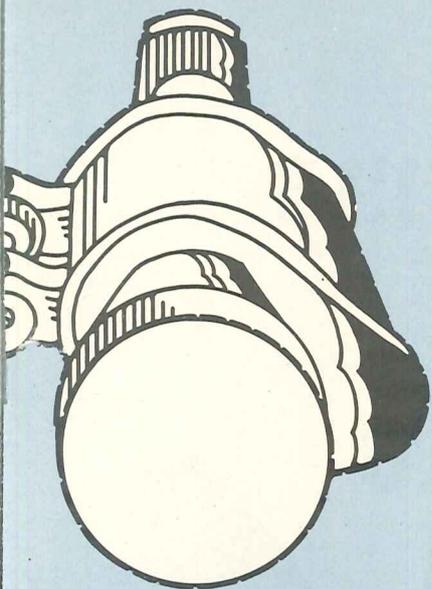
Edwin C. Lewis diz que "a natureza do amor é sempre a mesma, mas pode melhorar em qualidade e crescimento. A perfeição do amor obtem-se em dado momento da vida cristã. Porém, com o tempo há novas possibilidades, exigências e experiências. Permanecer no mesmo nível de amor é deixar de ser perfeito.

Lewis chegou à conclusão de que o "amor perfeito" só o é havendo crescimento contínuo.

Como se alcança o amor perfeito? Por meio de entrega, obediência e fé contínuas, à medida que vão surgindo novos desafios e percepções do que significa chegar "à medida da estatura completa de Cristo" (Efésios 4:13).

Consagrar-se a Deus é mais que uma acção; é uma atitude. A vida cristã deve adquirir novas dimensões para a consagração e a fé estarem à altura dos desafios.

Dougan Clark disse: "Depois do acto formal e definitivo de consagração, surgirão provas



inesperadas de obediência e entrega; perguntas imprevistas de que não suspeitávamos quando deixámos tudo para seguir a Cristo. Portanto, a nossa vida espiritual será uma submissão contínua e diária ao Senhor, expressa nas palavras de Jesus: "Não se faça a minha vontade, mas a tua" (Lucas 22:42).

John E. Bushell mencionou em certa ocasião "os amplos horizontes" das possibilidades. O amplo horizonte do crente leva-o a olhar para além das experiências da conversão e da inteira santificação, buscando a profundidade e amplidão do amor e da graça de Deus!

A tarefa da verdadeira religião é alargar a visão espiritual pelo desenvolvimento da relação com Deus. Em João 10:10, Jesus disse: "Eu vim para que tenham vida e a tenham com abundância".

Anunciai em toda a parte—nas montanhas, nos vales, nas cidades, nos arredores, nas universidades, nas igrejas—que a vida cristã não é limitada e oprimente. É uma vida livre, de largos horizontes em desenvolvimento. Para além das fronteiras da experiência, regras ou regulamentos religiosos, aspiremos "à medida da estatura completa de Cristo" (Efésios 4:13). □

—C. William Fisher

RELIGIÃO — EVANGELHO

—L. Guy Nees

Muitas vezes ao ler deparamos com certa passagem tão boa que se destaca imediatamente das outras. Foi o que me sucedeu recentemente na leitura dum livro de John T. Seamand. Por considerá-lo apropriado e reconhecer que poucos terão a oportunidade de o ler, transcrevo algumas passagens:

"Há anos, num domingo de manhã quando terminava uma mensagem sobre missões, certo homem da congregação veio ter comigo e disse: "Não compreendo os missionários. Nós ouvimos que na Índia existem muitas religiões, que é um país religioso. Por que, então, ir ensinar-lhes uma nova religião para aumentar a sua confusão? Certamente, a Índia tem já bastante religião".

Eu respondi-lhe: "Amigo, não estou interessado na religião, mas no evangelho. Pela religião nem sequer atravessaria a rua mas, tratando-se do evangelho, estou pronto a percorrer o mundo. Existe grande diferença entre os dois.

A religião é feita pelo homem; o evangelho, por Deus.

A religião é o que o homem faz por Deus; o evangelho é o que Deus faz pelo homem.

A religião é a busca de Deus pelo homem; o evangelho é a busca do homem por Deus.

A religião é o homem tentando subir a escada do próprio egoísmo, com a esperança de encontrar Deus no degrau mais elevado; o evangelho é Deus descendo a escada da encarnação de Jesus Cristo para se encontrar com os pecadores no degrau inferior.

A religião diz respeito a pontos de vista; o evangelho, a boas novas.

A religião contém bons conselhos; o evangelho é uma gloriosa proclamação.

A religião é incapaz de transformar o homem; o evangelho toma o homem como ele é e transforma-o naquilo que deve ser.

A religião termina numa reforma exterior; o evangelho, numa transformação interior.

A religião caía por fora; o evangelho lava em profundidade.

A religião torna-se por vezes uma farsa; o evangelho é sempre uma força, o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê.

Há muitas religiões; mas só um evangelho.

O evangelho é poder de Deus para salvação... É esta a tarefa dos missionários nazarenos: espalhar o evangelho, as boas-novas, pelo mundo. □

Muitos se dedicam a feitos de projecção, mas nem todos conseguem oferecer benefícios duradouros à humanidade ainda que avancem para um bom fim. Muitos só conseguem fazer admirar seu espírito aventureiro.

O mesmo não aconteceu com o Monge de Wittenberga quando, vencendo a desilusão que afastou ou tornou conformista a muitos dos seus colegas, alcançou um alvo que valia a pena. Lutero não era homem para se deixar vencer por conceitos ou circunstâncias que põem em perigo a consciência das prioridades e dos valores verdadeiros. Sua acção—chamemo-la de aventura se quisermos—foi acção de um homem que, de início vazio, buscava o enchimento de que carecia para lutar pela Verdade.

Quando na Dieta de Worms, diante do Imperador e de outras altas individualidades seculares e eclesiásticas, Lutero declarou: "Não quero nem posso retratar-me em nada", a vida do homem entrava realmente numa aventura, mas não a Causa que defendia. Por isso, pôde continuar com firmeza: "Não é prudente nem honesto agir contra a nossa consciência. Que Deus me ajude!" Não podia agir de outra forma um homem de consciência dominada pela Palavra de Deus. E é aqui que encontramos o segredo da força de um homem que, visto como líder revolucionário, é achado desprevenido, sem plano algum, mas pronto a tornar-se, no dizer de alguém, em instrumento de Deus para a criação da história.

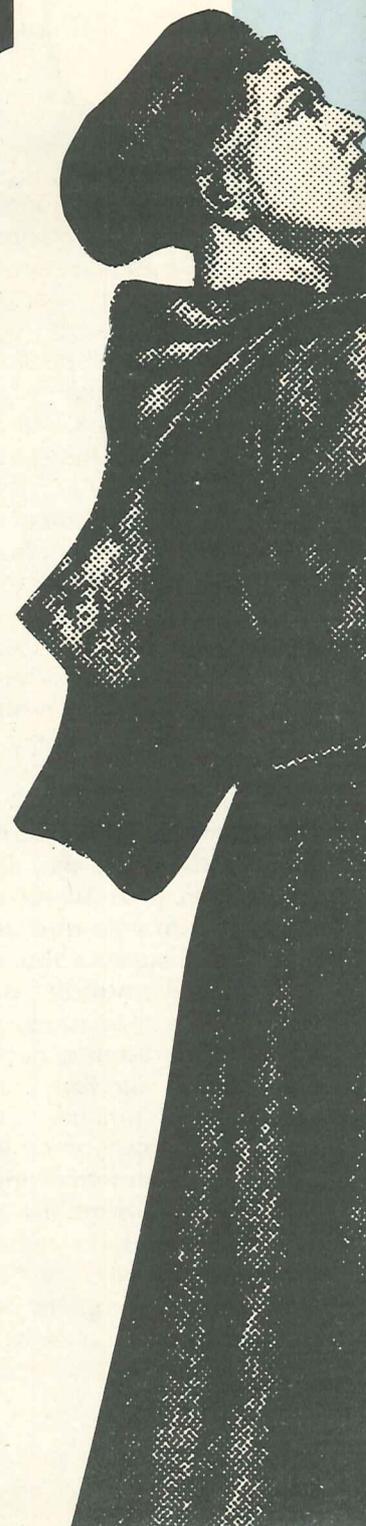
Não só com maior capacidade que Lutero, mas também com planos admiráveis para o movimento que devia resultar no que veio a acontecer e que a história chama Reforma, outros homens que pareciam ter começado a agir primeiro, não alcançaram o alvo. É que apenas bons ideais, bela ética e lindos projectos—com toda a força de sua utilidade—não podem valer num plano divino, sem a força da aprovação de Deus.

A Reforma era um plano divino que só podia ser levado a efeito por quem se submetesse a Deus. O amor à humanidade não basta. O descontentamento com o estado das coisas não é motivo suficiente.

Se a beleza de projectos e decisões meditadas tomarem menos e cederem mais lugar à força interior, a continuidade da Reforma estará garantida. Não faltará esperança de renovação. □

A reforma do século XVI

Eugénio R. Duarte





LUTERO TINHA RAZÃO

—Acácio Pereira

Dulles, professor de teologia numa universidade católica, discursou recentemente sobre Lutero. Depois de apontar a originalidade do Reformador quanto à doutrina da justificação pela fé—incluindo a lógica de suas teses sobre pecado e graça, fé e obras, liberdade e tradição, Palavra de Deus e sacramentos—concentrou a sua vasta argumentação nesta pergunta vital: “Teria Lutero razão?”

No século XVI alguns teólogos católicos reconheceram a validade de muitas reformas práticas de Lutero. Mas negaram-se a desenvolver o seu sistema à luz da lei e do evangelho, dando prioridade às posições tradicionais atribuídas a Agostinho e Tomás de Aquino.

Se Lutero laborou em erro, argumentava Dulles, foi justa a sua condenação pública; mas se ele tinha razão, por que esperar mais em nos decidirmos pelo Evangelho? Católicos e evangélicos talvez compreendessem melhor os pontos essenciais de cada sistema, se afastassem determinados preconceitos.

Certa linguagem sarcástica que por vezes ataca e fere sensibilidades deve ser banida do nosso meio. O amor e o zelo pelas almas em trevas saberão ajustar e caracterizar as atitudes de irmão para irmão.

Quando eu era pároco em Lisboa, assisti a várias reuniões eclesíásticas. Numa refeição com outros sacerdotes, um deles declarou publicamente com riso de ironia: “Sempre que passo no Campo Grande, um protestante aproxima-se de mim e diz convicto que está a orar pela minha conversão. Pobre hereje!”

Que eu saiba, esse sacerdote nunca se converteu. Mas, pela infinita misericórdia de Deus, fui eu atingido por outra corajosa aproximação cristã. “Uma parte da semente caiu ao pé do caminho, e vieram as aves, e comeram-na... E outra caiu em boa terra, e deu fruto” (Mateus 13:4, 8). Nem sempre somos nós a colher o fruto da sementeira. Mas nem por isso deixemos de lançar a semente. O divino Agricultor saberá preparar o terreno em que ela irá cair para poder frutificar.

Foi a atitude de Lutero contra o mal que o pôs de sobreaviso:

Que Deus a luta vencerá—Sabemos com certeza;

Enada nos assustará—Com Cristo por defesa.

Também nós devemos lutar contra falsas doutrinas. Estão em causa almas necessitadas pelas quais Jesus derramou o sangue no Calvário. Mas façamo-lo estendendo a mão em gesto de compreensão e amor. Todos somos irmãos e co-herdeiros do mesmo céu. Não foram argumentos persuasivos que me levaram a buscar outra religião, mas o amor benigno, sofredor e altruísta (I Coríntios 13) dum humilde servo de Deus.

Muitas pessoas que nos cercam andam às apalpadelas. Os evangélicos temos uma palavra a dizer. Revitalizemos a mensagem central do evangelho, o estudo da Palavra de Deus. Vivamos os princípios da Reforma: autoridade das Sagradas Escrituras; sacerdócio universal dos crentes; só Jesus salva. "Pela graça sois salvos, por meio da fé, e isto não vem de vós, é dom de Deus" (Efésios 2: 8). Quaisquer amuletos que nos possam seduzir—escapulários, terços, velas, mortificações, indulgências, missas—são inúteis, não salvam. Só "o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado" (I João 1:7).

Afinal, Lutero tinha razão ao acender o facho luminoso da Reforma. □



BEM-AVENTURANÇAS DA DONA DE CASA

Bem-aventurada a dona de casa que cumpre os seus deveres diários como um serviço de amor, porque suas mãos diligentes e seu coração feliz transformarão seus afazeres em privilégio.

Bem-aventurada aquela que abre a porta de sua casa aos necessitados, porque a sua hospitalidade é prova de amor fraterno.

Bem-aventurada a que remenda a roupa e consola os corações aflitos, porque a sua compaixão é como bálsamo para a humanidade.

Bem-aventurada a que varre e esfrega a casa, porque ela reconhece que a limpeza é símbolo de purificação.

Bem-aventurada a mãe que ama seus filhos, porque o amor dum criança ultrapassa o valor de qualquer fortuna ou fama.

Bem-aventurada a dona de casa que sabe cantar enquanto trabalha, porque a sua música suaviza o peso do serviço e fá-lo atraente.

Bem-aventurada a mulher que limpa o pó da dúvida e do temor e que varre toda a confusão, porque a sua fé triunfará na adversidade.

Bem-aventurada aquela que serve com lealdade, que oferece um sorriso a acompanhar a comida, porque o seu espírito de alegria ajudará a digestão mental e física.

Bem-aventurada a dona de casa que guarda a santidade dentro do lar cristão, porque a sua responsabilidade é divina e encerra uma coroa de glória. □

—O Lar Cristão

A AUTORIDADE DE JESUS

—Willard
H. Taylor

Quando o povo e os líderes religiosos escutavam o Mestre, ficavam com a impressão de que não se tratava de sonhador ou místico extravagante, mas de Alguém em contacto com a vida real. Pressentiam nas Suas palavras a suprema autoridade. Por isso, começaram a chamá-LO "Rabi"—título de respeito entre os judeus. Implicava a ideia de grande capacidade para ensinar.

Em português, a melhor tradução seria "Professor". Um personagem de nível religioso tão elevado como Nicodemos disse: "Rabi, bem sabemos que és Mestre, vindo de Deus" (João 3:2). Mateus registra as palavras do Senhor quando acusou os fariseus de pretenderem com vaidade ser chamados "rabis" nos lugares públicos. Jesus advertiu os discípulos que só usassem esse título quando se referissem a Ele (Mateus 23:7-13).

Apesar disso, Jesus não era um rabi de profissão. No Seu tempo a educação judaica dividia-se em dois períodos: o primeiro abrangia o estudo da lei escrita e oral que concluía quando o aluno completava 15 anos. O segundo período era unicamente para os profissionais que desejavam seguir o curso de rabi numa escola superior de Jerusalém. Se algum judeu pretendesse especializar-se em assuntos seculares, teria de frequentar escolas no estrangeiro—Alexandria, Tarso ou Atenas. Jesus Cristo nunca cursou essas escolas profissionais. Por isso, quando pregou na sinagoga de Nazaré, os vizinhos admirados do seu saber, perguntaram: "De onde lhe vêm estas coisas? e que sabedoria é esta que lhe foi dada? e como se fazem tais maravilhas por suas mãos? Não é este o carpinteiro?" (Marcos 6:2-3). O Senhor não só foi admirado pelo povo por Suas palavras e milagres, mas também por possuir tamanha sabedoria. Em João 7:15 é dito expressamente que Jesus não desfrutou de educação formal: "Os judeus maravilhavam-se, dizendo: Como sabe este letras, não as tendo aprendido?"

Além disso, as palavras de Jesus Cristo possuíam autoridade decisiva, pois era evidente que o Seu ensino era a verdade. Quando pregava, o Mestre parecia dizer: "Eu sei que isto é verdade e se vocês o consideram sem preconceitos, também concordarão". A autoridade do ensino de Jesus não procedia dum dogmatismo superficial, mas da própria realidade da vida. Por Suas palavras pôs os homens em contacto com todo o corpo da verdade pulsante. □



"CASTELO FORTE"

—Ruth A. Cameron

Uma vez que não sou teóloga nem historiadora, a minha avaliação de Martinho Lutero e da Reforma partirá de uma cadeia de associações de ideias pessoais. Quando penso no Reformador, vem-me logo à mente o seu hino tão conhecido: "Castelo forte é nosso Deus". Ele recorda-me os castelos que tive oportunidade de ver nas margens do rio Reno na Alemanha. A vista dessas altas fortalezas sobre os penhascos dá maior significado às palavras introdutórias do hino de Lutero. Baseia-se no Salmo 46.

Em estudo recente dos Salmos, voltei a relembrar as imagens de rochas, castelos e fortalezas. Uma vez após outra o Salmista refere-se a Deus como uma rocha, refúgio e fortaleza. Por isso, não é de estranhar que Lutero, familiarizado com os salmos e os castelos alemães, escrevesse o seu hino tão comovente usando a poderosa metáfora de uma fortaleza ou castelo.

A primeira série de conferências de Lutero foi sobre os Salmos que mais tarde traduziu com outros livros do Antigo Testamento. No prefácio aos Salmos, ele apresentou-os como o mais nobre de todos os livros de edificação. Declarou que bem podiam ser chamados "uma pequena Bíblia". Escreveu: "Os Salmos assemelham-nos aos santos vivos na expressão de suas mais profundas e sublimes palavras, pronunciadas com todo o fervor e urgência diante de Deus".

Esta última característica foi certamente um dos factores que atraiu Lutero. Os seus conflitos com as autoridades civis e ecle-

siásticas são bem conhecidos. Também experimentou conflitos interiores de fé e dúvidas. Os biógrafos têm procurado descrever e explicar os seus períodos de desânimo e depressão. De acordo com Bainton o hino "Castelo Forte" foi composto em 1527, o ano de sua maior depressão. O próprio Lutero reconheceu em Davi uma alma afim que "devia andar cheia de temores malignos. Ele não poderia ter percepção tão profunda se não experimentasse ataques".

Não me é possível estudar aqui as causas e a natureza das depressões de Lutero nem de seus ataques pessoais pelo diabo. Apenas, relacionarei a figura de *fortaleza* ou *castelo* com as ansiedades de Lutero. Em que sentido escreveria ele que o nosso Deus é um castelo forte? Como antes mencionei, os castelos da Alemanha eram-lhe familiares. Além disso, ele encontrou num castelo, pelo menos uma vez, refúgio literal e escape de perigo físico. Em 1521, após o julgamento na Dieta de Worms, seus amigos esconderam-no em Wartburg, um castelo próximo de Eisenach, na Turíngia. Deixou crescer a barba e vestiu-se de nobre.

Esse período de refúgio—uma espécie de cativeiro—não foi tempo fácil para Lutero. Encontrava-se doente, abatido, isolado e inactivo. Escreveu cartas aos amigos como enviadas "do deserto" ou da "Ilha de Patmos". Quando em 1527 escreveu "castelo forte é nosso Deus", estaria ele a recordar os dias passados em Wartburg?

Existem várias formas de compreender a figura usada por Lutero. Primeiro, como sugere Bainton numa subdivisão de capítulo, a rocha é a Bíblia. Ele diz que para Lutero a Bíblia era "a grande ajuda objectiva" para combater a depressão. E, para o Reformador, as Sagradas Escrituras eram preminentemente cristológicas. No seu prefácio às conferências sobre os salmos, mencionou que

cada profecia e cada profeta se devem compreender referindo-se a Cristo o Senhor, a não ser que se explicitamente tratar-se de mais alguém. Assim, o grande hino da Reforma é, sem dúvida, de louvor a Cristo—Senhor dos Exércitos, Vencedor do inimigo antigo.

A segunda forma de compreender a figura usada por Lutero encontra-se no contexto de sua depressão. Ao recordar o abatimento do ano passado em Wartburg, podemos ver que o refúgio, ou asilo, não é necessariamente um lugar de repouso e tranquilidade. Este é um aspecto da experiência cristã de que por vezes não falamos. Tem sido mencionado que os salmos tanto expressam aspectos aterradores de Deus como "Sua bondade amorosa". A linguagem do Salmo 139, que nos dá uma expressão real da omnipresença e onisciência de Deus, sugere que estes atributos são fonte de terror e de conforto. (Terror, evidentemente, para aqueles que procuram fugir da presença de Deus).

Lutero disse que é necessário *temer* e *amar* o Senhor. Parece que por vezes vincava mais o temor que o amor. É possível ter sido influenciado pela leitura dos salmos. Poucas vezes o Salmista declara como no Salmo 18:1—"Eu te amarei do coração, ó Senhor". Lutero conheceu os aspectos mais obscuros da experiência religiosa. Parece que ele acreditava que as noites sombrias da alma eram requisito para alcançar profundo discernimento.

Para Lutero a atitude ambivalente quanto ao refúgio não era a palavra definitiva. A sua metáfora da fortaleza exprime o conceito de que o castelo físico não era o seu verdadeiro refúgio. O Salmo 46 é uma forma metafórica de apresentar o verdadeiro refúgio que é Deus. O "Castelo forte" que Lutero descreveu não era o de Wartburg que o guardou dos inimigos. O único e verdadeiro castelo é "nosso Deus", o baluarte que nunca falha. □

O preço da santidade

—Phil Stout

As suas palavras eram poderosas. A sua vida, admirável. Em 1937, Dietrich Bonhoeffer publicou um livro no qual dizia: "Quando Cristo chama alguém, convida-o a segui-LO e a morrer". Em 1945, depois de sofrer dois anos de prisão na Alemanha Nazi, Bonhoeffer mostrou como apropriar essas palavras, à medida que percorria o caminho até à força que Hitler lhe preparara.

A vida e a morte de Bonhoeffer levam-nos a reflectir sobre as suas palavras. Ele ficou horrorizado perante a complacência e a indiferença do povo cristão que dizia ter sido "justificado pela fé". Segundo ele, essa complacência era um pecado contra o Espírito Santo. Sentiu tristeza ao ver que a igreja tomara as palavras de Martinho Lutero (justificados pela fé)

como simples palavras. Chamou a essa atitude "graça barata" porque se tornara apenas uma doutrina, um sistema que olvidava o levar a cruz. Bonhoeffer reconheceu que essa graça barata não era a que Lutero tinha ensinado. Quando Lutero falou da graça, tinha consciência de que custaria tudo, e assim foi. Quando Bonhoeffer se referiu à graça estava ciente de que lhe poderia custar tudo, o que sucedeu. Foi uma graça sumamente custosa.

Como Lutero e Bonhoeffer compreenderam o preço da justificação pela fé, da mesma forma João Wesley entendeu o preço da perfeição cristã. Wesley sabia que a verdadeira santidade exigia que ele sentisse as mesmas dores e necessidades de quantos o rodeavam. A santidade pediu-lhe que tomasse o risco financeiro para melhorar as condições de vida dos pobres e desprezados.

Charles G. Finney reconheceu o preço da santidade. Sabia que ela exigia que se levantasse contra a escravatura e a injustiça racial nos Estados Unidos. Calar-se podia equivaler a consentir.

William e Catherine Booth ex-

perimentaram bem o preço da santidade. Esta exigiu que saíssem a ministrar aos necessitados do corpo e da alma. E, assim, fundaram o Exército de Salvação; um exército que ataca a pobreza, a fome e o pecado.

Luther Lee prontificou-se a pagar o preço da santidade, ao falar a favor dos direitos da mulher, exigindo-lhe que proclamasse: "Não há masculino nem feminino... em Cristo Jesus" (Gálatas 3:28).

Phineas F. Bresee também pagou o preço da santidade. Esta exigiu que ele deixasse a denominação que amava para anunciar aos pobres o evangelho de Jesus Cristo. Deste modo começou um grupo chamado *Igreja do Nazareno*. Os seus membros dedicavam-se "a dar de comer aos famintos, a vestir os nus, a enxugar as lágrimas dos aflitos e a buscar homens como joias para o diadema do Senhor".

A nossa responsabilidade é grande. Não podemos promover uma santidade barata, doutrinária ou de princípios alheios à participação no socorro social, material e espiritual do homem. O custo é elevado, mas Cristo chamou-nos para morrer. Devemos morrer ao egoísmo, à apatia, a tudo que torne a santidade fácil, cómoda e barata.

À medida que participamos no avanço da santidade cristã, vigiemos para que não haja portas fechadas. Procuremos alcançar a sociedade, melhorar a vida do homem neste mundo e prepará-lo para a eternidade. Assim, todos os beneficiados poderão contribuir para que a santidade cristã avance.

Se nos ocuparmos só em construir belos templos e descuidarmos os necessitados, ou nos preocuparmos tanto com os pormenores duma refeição para membros amigos que esqueçamos os famintos, com razão pode Dietrich dizer que o povo de Deus nunca descobriu o verdadeiro preço da santidade. □



Filipinas

1948-1978—O que eram no princípio encostas e caminhos de lama—são agora florestas de arranha-céus a esboçar a história de missões.

A história de missões é a de vidas—de pessoas autênticas e de lugares reais. Mas é também a história de indivíduos e de igrejas que investem nesse povo e país. Desta forma a história do investimento em Filipinas podia ter começado verdadeiramente na Califórnia, em Idaho, na Luisiana, ou nos diferentes lugares aonde jovens filipinos chegaram para viver e onde ouviram acerca da Igreja do Nazareno. Depois veio a guerra; mas, para além da tragédia, chegou bênção.

Foi assim que certa igreja principiou: Della Jeffers casou com um militar americano em serviço nas Filipinas; mais tarde este regressou aos Estados Unidos. Aí, Della aceitou Cristo como seu Salvador. Uma igreja local investiu tempo e esforço para que fosse salva uma jovem filipina. E, por sua vez, Della começou a envolver-se. Primeiro, com sua irmã Lorna que vive nas Filipinas. Poderia algum missionário despender tempo para visitar sua irmã? Talvez, somente talvez, sua irmã aceitasse ter um estudo bíblico em casa. Seria possível ir lá algum pastor? Assim principiou uma história verdadeiramente maravilhosa da obra de Deus.

Foi pedido ao Rev. Pepe Causing, pastor nazareno em Binalbagan, que realizasse um estudo bíblico no lar de Lorna Penela. Como diz a Palavra: "Todos os dias acrescentava o Senhor, à igreja, aqueles que se haviam de salvar" (Actos 2:47). Assim aconteceu nessa casa. Na assembleia anual, a Junta Consultiva do Distrito resolveu estabelecer aí uma igreja. Juanita e Hannah Tamayor aceitaram o desafio dessa casa (com uma sala e um grande espaço por baixo construído com andas) para a sua primeira atribuição—uma nomeação de Deus. E comprovou-se ser uma escolha divina.

Não tardou que o superintendente do distrito, Wilfredo Manaois, e um missionário pregassem um avivamento. Depois duma semana de estudos bíblicos e cultos nocturnos, surgiu a pergunta: "Podemos ser uma igreja organizada?"

Sim, respondeu o povo. Mais de uma dúzia de pessoas foram entrevistadas para membros da Igreja do Nazareno. Leu-se o *Manual* e, no domingo de manhã, a seguir a um culto extraordinário, os que desejavam unir-se à Igreja do Nazareno foram à frente. Decidiram-se 150 pessoas! Que começo de igreja numa casa particular!



Santidade—
Nossa Missão
no Mundo
1980-1985

Quando a congregação cresceu, ela disse: "Precisamos de um edifício". Poderiam os membros construí-lo? Então procuramos saber se sustentariam o ministério. Mas isso parecia muito difícil e alguns creram que era impossível. Não havia indústrias. Apenas pescavam e tinham alguns coqueiros. O povo era pobre. Como poderia sustentar o ministério? Parecia difícil, apesar de estar fixa a quantia de um peso mensal por cada membro; mas, depois de estudar o livro de Actos, o povo correspondeu ao desafio e, também, começou o seu programa de investimento! Foi comprado um terreno à beira-mar, que Deus tinha preparado para nós há muito tempo.

Trinta e cinco anos antes a Igreja do Nazareno tinha alcançado Pulupandan, na ilha de Negros Ocidental. A II Guerra Mundial assolara as Filipinas. As forças militares dos Estados Unidos precisaram de um local para descarregar carros de assalto e expedir camiões de abastecimento. O governo americano escolheu para lugar de desembarque o terreno que a Igreja do Nazareno queria comprar! Barco após barco de areia foram aí descarregados, onde antes nunca tinha existido rocha. Com o tempo a areia cobriu tudo. Agora, volvidos 35 anos, ninguém sabia que existia tal terreno! Mas quando o povo de Pulupandan começou a viver o livro de Actos, Deus enviou uma igreja com um donativo em dinheiro e uma pessoa dessa povoação com uma pá para descobrir a ROCHA!

Hoje a igreja de Pulupandan ergue-se como um marco, fruto do investimento de muitas pessoas, e que investimento!

Esta é uma de mais de 180 igrejas e lugares de pregação existentes na República de Filipinas. Existem mais de 6.000 membros e cerca de 20.000 assistentes na Escola Dominical. Os dois colégios bíblicos têm mais de 100 alunos.

Obrigado, nazarenos, por possibilitardes com a vossa ajuda esta obra extraordinária. □

—Robert McCroskey

دليلنا في الموت دليلنا في الحياة

✓ Na morte, para onde vai a alma? Compreendo que dormiremos (vulgarmente falando) e seremos colocados na sepultura até o dia da ressurreição (João 8:52; Salmo 146:4; Hebreus 11:8-13; Lucas 13:28). Mas onde ficará a alma durante esse tempo?

As passagens bíblicas de Filipenses 1:21-23 e Actos 7:59-60 provam que, desde o momento em que morremos, estaremos conscientes na presença do Senhor. "Dormir", metáfora comum usada na Bíblia para a morte, aplica-se tanto ao corpo como ao despertar na ressurreição; mas não ao espírito. No entanto eu não sou "dogmático" a esse respeito e estou disposto a esperar para ver como tudo ocorrerá.

✓ A nossa igreja começou agora a ter refeições numa sala. Certa amiga disse-me que não é bom comer na igreja. Pelo que sabe da Bíblia e como cristão de há muito tempo, creio que me poderá responder!

A mesma pessoa me disse que não se deve usar títeres nos cultos das crianças. Qual a sua resposta?

Creio que não há mal em comer numa sala da igreja. Paulo recomendou aos coríntios que comessem em casa porque as suas refeições na igreja tinham-se convertido em motivo de dissensões e ignomínia, sendo "menosprezados" os pobres pelos mais abastados. Se as nossas refeições são verdadeira expressão de companheirismo e unidade, a advertência do Apóstolo aos coríntios não tem aplicação a nós.

Quanto aos títeres (ou bonecos animados), eu conheço pouco acerca deles. Suponho que qualquer meio de pregação e ensino que não degenera em simples recreação tem valor. O Deus que uma vez falou pela boca dum jumento (II Pedro 2:16) também pode falar pela boca dum boneco.

✓ O nosso "Manual" reprovava o baile.

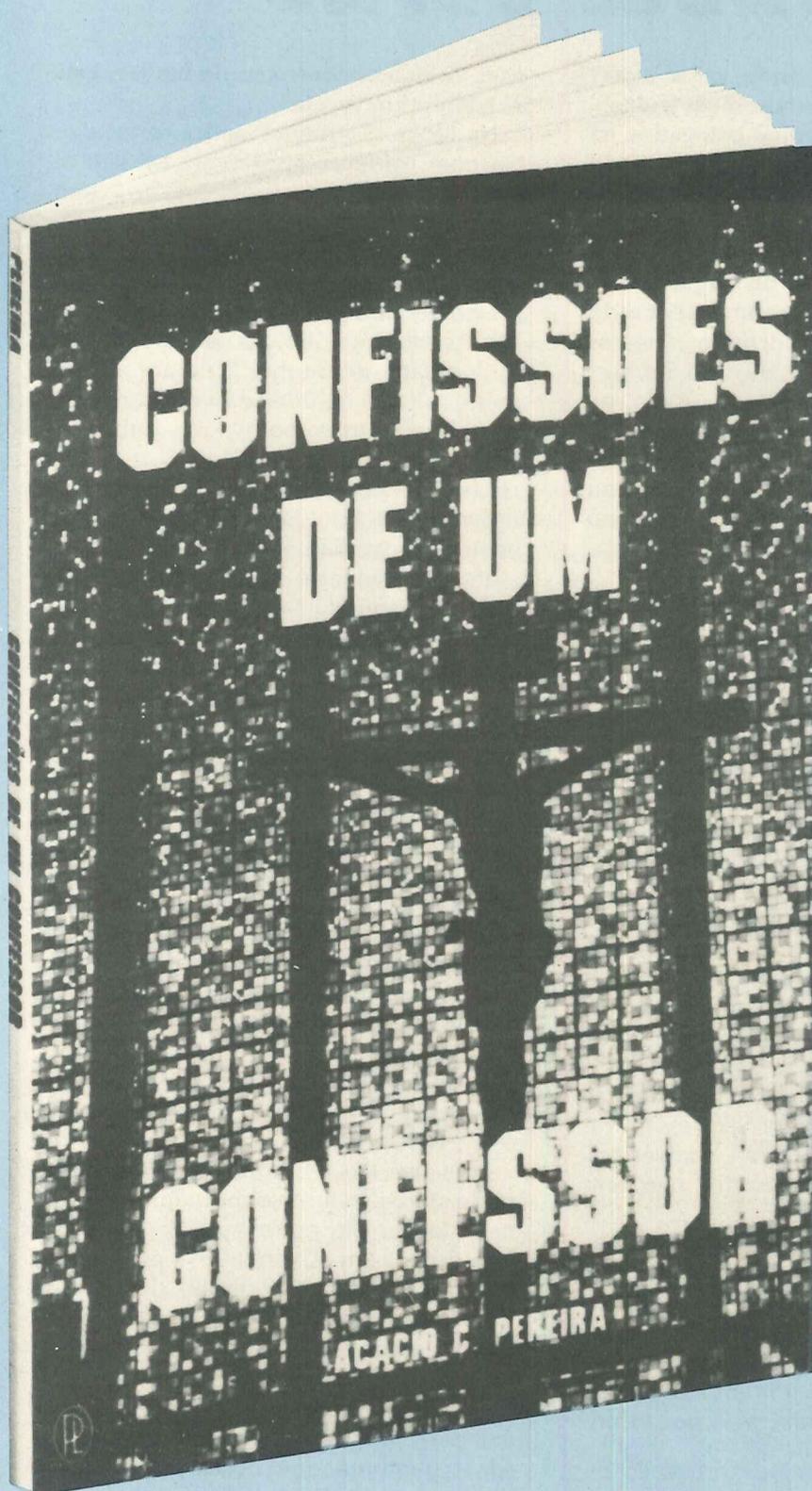
Mas eu não encontro apoio bíblico. Falará a Bíblia contra ele?

Na Bíblia são mencionadas certas danças com evidente aprovação. Miriam dirigiu as mulheres de Israel em certas danças para celebrar o êxodo da escravidão egípcia (Êxodo 15:20). A filha de Jefté celebrou com "adufes e com danças" o regresso de seu pai da guerra (Juízes 11:34). As filhas de Silo, ao dançarem numa "solenidade do Senhor", deram aos homens da tribo de Benjamin oportunidade de as tomarem como esposas (Juízes 21:19-23). Com cânticos e danças, as mulheres festejavam as vitórias militares de Davi (I Samuel 21:11). "Davi saltou com todas as suas forças diante do Senhor" quando a arca do concerto foi trazida para Jerusalém (II Samuel 6:14). Na parábola apresentada por Jesus, o regresso do filho pródigo foi festejado com música e danças (Lucas 15:25). Todas as danças mencionadas representavam vitórias espirituais referentes a actos divinos redentores.

Nas Escrituras são mencionadas outras danças com manifesta reprovação: quando os israelitas dançaram diante do bezerro de ouro em adoração idólatra (Êxodo 32:19); quando Salomé dançou num banquete comemorativo do dia natalício do rei Herodes, de que resultou na execução de João Batista (Mateus 14:6-10).

Tudo junto, parece levantar as perguntas *porque* e *com que conseqüências* há interesse em dançar.

Eu li algo nas Obras de Wesley que nos pode ajudar. A uma senhora que se negara a dançar ele escreveu: "Se o dançar não é mau em si, ainda leva as moças a inúmeros males. E o perigo destes, por um lado, parece exceder de longe as pequenas inconveniências do outro. Embora se pudesse comentar muito acerca do baile, você escolheu o caminho mais excelente". Em qualquer assunto duvidoso, a pergunta que busca saber se ele apoia a excelência moral proverá a orientação mais criteriosa. □



NOVO

CONFISSÕES DE UM CONFESSOR

por Acácio C. Pereira

“Estas páginas não foram escritas para desacreditar um credo e exaltar outro. Falam do que me aconteceu quando, em obediência ao impulso do Santo Espírito de Deus, postrei-me aos pés de Jesus—com batina e tudo—e recebi o que tanta vez eu tinha oferecido ritualmente a confessantes, mas que só Jesus pode dar na realidade: o perdão de pecados, o acesso franco à liberdade evangélica.” —*Autor*

PLC-001, U.S.\$1.50 cada

Faça hoje o seu pedido à
CASA NAZARENA DE
PUBLICAÇÕES
P.O. Box 527, Kansas City,
Missouri 64141—EUA